

Os dois e a realidade dos outros

Márcio Lopes Silva (M. Lóp'z)

Adentrou seu refúgio a passos largos, porém moderados (sombriamente). Não podia mais visualizar com clareza o contorno tênue, limite de sua existência dicotômica. Neste momento, pensava como iria reagir a uma eventual reviravolta de Giuseppe. Estava preparado, até então, para argüir sobre a análise nietzscheniana do aspecto da vontade de poder e de como Hegel ou Kant estariam à contramão da essência do “desejo puro” com idéias obsoletas sobre a ontológica razão humana. Sentou-se, após cruzar a sala, próximo ao lugar da Dra. Peckins. Relativamente perto, não queria expor-se demais, mas grande parte da atenção estaria voltada para Ele daquele lugar. Posicionou-se de maneira tal que não teria de encarar quem fosse entrando, transparecendo-lhes apenas um rasgo de austeridade ambígua pelo ângulo do qual o veriam de perfil.

Aos poucos foram entrando e tomando cada um seu lugar. Temeu a chegada do Outro ou que nem mesmo viesse. Não para menos, depois da humilhação que aquele sofista demagogo o fizera passar na noite anterior, em frente a todos os célebres reunidos, decidiu transcorrer grande parte da madrugada em vigília. Debruçado sobre compêndios e postulados, consultou todas as fontes possíveis até esgotar toda a literatura de (e sobre) Kant, Schoupenhaur, Nietzsche, além de seus críticos e pós-críticos de filosofia contemporânea. Respirou fundo. Sentiu-se estar preparado para rebaixar o infame do Giuseppe ao pó de sua insignificância. Pouco antes da Dra. Peckins assentar-se, a mãe adentrou o refúgio num ímpeto refreado

apenas pela surpresa de dar com Ele ali tão cedo. Pegou algumas roupas que estavam espalhadas pelo chão sem olhar em sua direção, inadvertidamente. Aquilo o aborreceu ainda mais. Constrangido, levantou-se e colocou-a para fora aos berros e solavancos, mas só mentalmente, como se isso o expurgasse. Ainda assim, a mãe se tocou e saiu quase por cima da Dra. Peckins que entrava. Balbuciu algo como “o que está acontecendo com esse menino”. Elas não se viram, ainda que quisessem, não seria mesmo possível.

– Vamos começar? – sugeriu a Dra.

Ele, no entanto, contestou que esperasse o Outro. Ela consentiu com um sorriso meio apreensivo. Assaltou-lhe novamente a idéia inicial de que Giuseppe poderia subvertê-lo questionando-o, por exemplo, sobre alguma dialética epicuriana talvez. Desabou-se, assim, toda a sua defesa. Por um momento pensou em voltar ao escritório e estudar mais um pouco. Porém, já era tarde demais. A Dra. Peckins lamentou pela ausência de poucos e pôs-se a falar. Inesperadamente dirigiu-se a Ele que não pôde fixar seu pensamento nela. Uma brisa suave soprou-lhe a sola do pé exposto. Com certa dificuldade, tentou em vão puxar o edredom com o hálux (ou dedão do pé) e o indicador para cobrir as pernas. Irritou-lhe o filete de luz que vinha da sala de estar.

– Concentre-se em mim! – Reagiu bruscamente a Dra. – Aqui é o mundo real!

– É que o som da abertura da novela me tira toda a concentração.

Só conseguiu voltar a si quando viu, com espanto, o Outro entrar com um livro embaixo do braço. Era, coincidentemente, nada menos que um manual de dialética epicuriana. Tomou lugar exatamente a sua frente. A campainha tocou. Ele resiste encarando Giuseppe. Não havia mais medo. Os cães bradam ao portão. O pai ladra da porta do quarto: “o Elcinho tá aí!”. Ele se levanta, ainda encarando o Outro, e vai

ao portão. O garoto insiste sobre um jogo de bola no campinho da rua “E”. Com olhar indiferente, Ele diz que não. Fecha o portão sem deixar brecha para maiores inconvenientes. Atravessa a sala onde a mãe e o pai, alienados, assistem a novela. Entra no refúgio – dessa vez não se esquece de trancar a porta - pega o edredom do chão e deita. Bem coberto fecha os olhos. Vira-se de costas para a porta. “Onde estava?”, pensa. Abre os olhos e lá está Giuseppe fitando-o. A Dra. Peckins retoma a discussão.